



ELECTRONIC LITERATURE ORGANIZATION: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA LITERATURA DIGITAL

Natália Cristina Estevão

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a *Electronic Literature Organization* – ELO, criada em 1999 e, atualmente, sediada na *Washington State University Vancouver*. Nossa proposta se baseia em refletir sobre alguns de seus mecanismos de funcionamento, especialmente, os relacionados ao tratamento dedicado à memória e às estratégias de preservação da literatura digital, mobilizados pelo Repositório ELO. Para alcançar nossos propósitos, fundamentamos nossa investigação na descrição (CANCLINI, 2016) como método de pesquisa. A partir disso, estabelecemos uma caracterização inicial dessa categoria específica de repositório, de literatura digital. Ademais, neste trabalho, pudemos perscrutar as dimensões que determinadas iniciativas promovidas pela ELO ocupam dentro do processo de construção da memória cultural (BEIGUELMAN, 2014) do emergente sistema (EVEN-ZOHAR, 2013) literário digital.

Palavras-chave: Literatura digital; Repositórios de literatura digital; Materialidades da literatura; *Electronic Literature Organization*; Humanidades digitais.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo desarrollar un estudio de la *Electronic Literature Organization* – ELO, creada en 1999 y actualmente con sede en la *Washington State University Vancouver*. Nuestra propuesta es reflexionar sobre algunos de sus mecanismos de funcionamiento, especialmente, los relacionados al tratamiento dedicado a la memoria y a las estrategias de preservación de la literatura digital, movilizados por el Repositorio ELO. Para alcanzar nuestros propósitos, nos fundamentamos en la descripción (CANCLINI, 2016) como metodología de investigación. A partir de esto, establecemos una caracterización inicial de esa categoría específica de repositorio, de literatura digital. Además, en este trabajo, pudimos escrutar las dimensiones que determinan iniciativas promovidas por la ELO ocupan dentro del proceso de construcción de la memoria cultural (BEIGUELMAN, 2014) del emergente sistema (EVEN-ZOHAR, 2013) literario digital.

Palabras clave: Literatura digital; Repositorios de literatura digital; Materialidades de la literatura digital; *Electronic Literature Organization*; Humanidades digitales.

Natália Cristina Estevão é doutoranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar.

E-mail: natalia.estevao@gmail.com



INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um desdobramento da pesquisa de doutorado¹ cujo objeto de estudo se centra nos repositórios de literatura digital. As reflexões aqui presentes foram motivadas a partir das discussões feitas em sala de aula durante a disciplina “Literatura no contexto digital”². O desenvolvimento deste curso promoveu o estudo de algumas concepções sobre o sistema literário (EVEN-ZOHAR, 2013)³, tendo em vista a compreensão das especificidades da literatura produzida no momento presente de cultura digital (NUNBERG, 2003). Tal proposta de compreensão da literatura criada no contexto digital envolveu diferentes percursos de atividades que podem ser circunscritas em dois momentos (não necessariamente sequenciais): i) conhecer e acessar juntos obras digitais, exercício que poderia ser questionado como supérfluo ou secundário para ser realizado em sala de aula, porém se mostrou fundamental à discussão, uma vez que não é possível tomar como pressuposto o conhecimento dos alunos sobre a literatura digital, já que se tratam de conteúdos que, de maneira geral, não estão presentes nas ementas obrigatórias dos cursos de Letras e Literatura.

Nessa perspectiva, sublinhamos que a nossa concepção sobre literatura digital está em construção⁴ e se refere a objetos criados no e

para o meio digital, isto é, produções que, fazendo uso das tecnologias digitais, experimentam com o código informático/computacional e com os meios de inscrição e circulação digitais, sem os quais o funcionamento da manifestação literária estaria comprometido.

La literatura digital refiere a un tipo de escritura y textualidad creada para ser leída en la pantalla. En este sentido, [...]no estamos hablando de textos impresos digitalizados para ser leídos en formato digital, lo cual generalmente obedece al formato e-book. Si bien en los e-books podemos observar un proceso de traducción al lenguaje digital de ceros y unos, la estructura del texto y la forma de escritura no se modifica. Por el contrario, la literatura digital apunta a una experimentación con el lenguaje en este formato, una escritura en código que se despliega en forma de textos escritos, imágenes, animaciones y sonidos, que, en la gran mayoría de los casos, son dispuestos de formas no lineales (GAINZA, 2016, p. 2).

O segundo exercício, desenvolvido em sala, refere-se ao ii) estudo de possíveis mecanismos de análise das obras mobilizadas em aula. Isso porque se a própria literatura digital é relativamente recente, dentro dos Estudos Literários Brasileiros, ao menos por ora, a gama teórica que se dedica à investigação dessa literatura é também muito jovem quando

¹ De acordo com a Portaria 206, de 04 de setembro de 2018, cumpre explicitar que o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² A referida disciplina, ministrada pelas professoras Rejane C. Rocha e Manáira A. Atháide, foi ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar em 2019.

³ De acordo com Itamar Even-Zohar (2013), para compreender o funcionamento do sistema literário e as eventuais institucionalizações de um cânone, é preciso considerar outros fatores determinantes de análise que não sejam exclusivamente o texto: “a pergunta que surge na continuação não é ‘o que é o sistema literário?’, mas

‘quais são as atividades que, a partir de um ponto de vista teórico, poderiam se considerar regidas por relações sistêmicas literárias?’. Do ponto de vista da teoria dos polissistemas [...], ‘o’ sistema literário não ‘existe’ fora das relações concebidas para operarem nele e para ele. Desse modo, tanto faz se nos servimos de uma concepção conservadora do ‘sistema’, ou se adotamos o conceito dinâmico (polissistema), não há um conjunto de ‘observáveis’ que ‘seja’ a priori necessariamente parte desse ‘sistema’” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 23).

⁴ A definição em questão se fundamenta nas discussões feitas no Grupo de Pesquisa (CNPq) Observatório da Literatura Digital Brasileira, a partir da leitura, entre outras coisas, do texto da pesquisadora Carolina Gainza (2016).



comparada aos estudos de literatura impressa. Por esse motivo, durante as aulas, problematizamos conceitos-chave para a apreensão da cultura digital e a sua relevância para o entendimento do literário hoje. Assim sendo, fez-se imprescindível a discussão e o exame de taxonomias emergentes para a análise da literatura digital, a partir dos quais tateamos algumas instabilidades que podem se estabelecer na área dos Estudos Literários, quando pensamos, por exemplo, em categorias e ferramentas de análise de texto que foram cristalizadas por séculos de cultura impressa. De acordo com o medievalista Paul Zumthor (1993), a própria concepção de literatura tal qual compreendemos nos dias de hoje mantém uma relação profunda com o desenvolvimento da imprensa, em meados do século XV.

Ao nos referirmos ao exercício de investigar essas eventuais instabilidades no campo, não tomamos a ideia de tatear como uma atividade de conjectura que prescinde de estudo e embasamento de discussões teórico-críticas sobre as possíveis abordagens do texto literário. Pelo contrário, justamente por observar, em sala de aula, o funcionamento e os usos que historicamente têm sido feitos de determinados operadores de análise – tais como autor, autoria, leitor, leitura, escrita e obra – percebemos, em algumas situações, a limitação desses conceitos quando estamos diante da literatura em contexto digital. Especificamente no caso deste trabalho, no qual o objeto de estudo se concentra em repositórios de literatura digital, além de nos depararmos com o questionamento da estabilidade das categorias supracitadas, outras complexidades emergem, como, por exemplo, os modos de arquivamento, de preservação, de

acesso e de circulação das obras digitais. As referidas problemáticas estão inextricavelmente relacionadas às materialidades do literário⁵ e, vale ressaltar, não são novas ou surgiram com as tecnologias digitais no campo da literatura, mas se redimensionam com a cultura digital.

De fato, no atual contexto brasileiro, a formalização material (FLUSSER, 2007) do literário tem emergido cada vez mais como objeto de discussão nas análises, embora esse ainda seja um processo realizado de forma introdutória: se se considera a história da teorização sobre literatura. Esse direcionamento da observação crítica para a materialidade, que durante séculos de teoria da literatura foi deixada em segundo plano, ocorre justamente no momento em que os textos literários passam a se apropriar de outro(s) suporte(s) de inscrição, que não sejam, exclusivamente, o livro impresso. Nesse sentido, o estudo da materialidade do texto literário digital pode ser fecundo, inclusive, para repensar a perspectiva automatizada com a qual enxergávamos certos processos de inscrição, circulação, mediação e preservação da literatura impressa e que, muitas vezes, naturalizou a atuação intensa de determinadas corporações relacionadas ao mercado editorial nesses procedimentos.

A esse respeito, consideramos que os repositórios de literatura digital sejam objetos oportunos para desdobrarmos algumas das questões que foram colocadas durante o curso de “Literatura no contexto digital”. Nessa circunstância, é importante problematizar a concepção do que estamos entendendo, num primeiro momento, por repositório. A ideia de problematizar a própria noção de repositório de literatura digital se fundamenta na necessidade de refletir sobre o funcionamento desses

⁵ Neste trabalho, consideramos que, além de se referir ao substrato material dos objetos literários, o conceito de materialidade também pode abarcar uma sucessão de elementos que engendram mecanismos de inscrição, circulação, mediação e consumo da literatura que configuram as condições de funcionamento das práticas

e dos protocolos pelos quais os textos literários são criados, a maneira como circulam e são lidos em determinados períodos sócio-históricos (ESTEVÃO, 2017).



espaços emergentes, a partir do ponto de vista dos Estudos da Literatura, na tentativa de encontrar particularidades e mecanismos que possam vir a ser compreendidos como característicos de tais objetos. Isso se justifica uma vez que não há, dentro do nosso campo de pesquisa, um conjunto vasto de estudos que se dediquem pontualmente aos repositórios de literatura digital, de modo que nos oferecessem ferramentas prévias (ou uma fortuna crítica) para discutir o tema.

Sendo assim, esclarecemos que nossa compreensão dessa modalidade de repositório, neste trabalho, refere-se a ambientes digitais conectados à internet que atuam no armazenamento, preservação e disponibilização sistematizada da literatura digital. Além disso, temos constatado que esses espaços promovem, cada um a seu modo, diferentes modalidades de reflexão crítica sobre o sistema da literatura digital. Frente a isso, entendemos que o escopo principal de um repositório recai sobre o domínio da memória da literatura digital. Segundo Giselle Beiguelman (2014), nunca se falou tanto sobre o tema da memória como nos dias de hoje. No ensaio introdutório ao livro *Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais* (2014), a referida professora e pesquisadora sublinha a necessidade do debate sobre a memória no campo da cultura contemporânea. Isso se justifica uma vez que, embora haja o que Beiguelman (2014) denomina como inflação discursiva a respeito da memória em seus variados aspectos, verifica-se, de modo paradoxal, um vazio metodológico no tratamento da preservação de manifestações artísticas produzidas em meio digital.

Poucas palavras tornaram-se tão corriqueiras no século 21 como “memória”. Até bem pouco tempo confinada aos campos da reflexão historiográfica, neurológica e psicanalítica, a memória converteu-se num aspecto elementar do cotidiano. Tornou-se uma espécie de dado quantificável, uma

medida e até um indicador do status social de alguém. Existe um fetiche da “memória” como “coisa”: quanto de memória tem seu computador? E a sua câmera? E seu celular? Tudo isso? Só isso?...Compram-se memórias, transferem-se memórias, apagam-se e perdem-se memórias. Curiosamente, à inflação discursiva corresponde um vazio metodológico no trato dos produtos culturais criados com os meios a que dizem respeito essas memórias: os meios digitais. Estamos falando aqui de preservação da memória de bens culturais que não só resistem à objetificação, mas que muitas vezes só existem contextualmente, como é o caso da net art (BEIGUELMAN, 2014, p. 13).

O movimento feito por Beiguelman (2014) de trazer a memória ao plano do tecido sociocultural indica a seriedade do tratamento social e institucional que, de acordo com ela, deve ser dado ao tema. Nesse sentido, podemos nos remeter, por exemplo, ao processo complexo (e não necessariamente linear) de construção e consolidação de patrimônios culturais, que são fundamentados, entre outras coisas, na criação e gestão da memória sobre determinado objeto. Ao propor tais reflexões, Giselle Beiguelman (2014) desloca a memória da esfera exclusiva da subjetividade individual e a insere no âmbito científico, na medida em que pontua os interesses sociopolíticos a que respondem trabalhos de preservação de manifestações artísticas digitais. Dessa forma, a pesquisadora mencionada especializa a discussão e assinala, por meio de alguns questionamentos, a urgência de se pensar em novas metodologias e abordagens de conservação, de catalogação, de manutenção e de recuperação de dados.

Como lidar com memórias tão instáveis, que se esgotam juntamente com a duração dos equipamentos e cujas tipologias não correspondem aos modelos de catalogação das coleções de museus e arquivos? Que memória estamos construindo nas redes,



onde o presente mais que imediato parece ser o tempo essencial? (BEIGUELMAN, 2014, p. 12).

Diante dessas indagações, consideramos que os repositórios se mostram como um espaço dedicado a enfrentar tais desafios, na medida em que se propõem a mobilizar a memória da literatura digital, lidando com problemáticas relacionadas a tipologias, conservação e obsolescência de softwares. Diferentemente do livro impresso, que apresenta uma presumida estabilidade material, relacionada à fixidez e à durabilidade do conteúdo simbólico que o compõe, a literatura digital funciona a partir de outros elementos e, num ponto em comum com a net art, pode-se afirmar que se tratam de expressões que:

Depende[m] da internet para se realizar, um tipo de criação que lida com diferentes modos de conexão, de navegadores, de velocidade de tráfego, de qualidade de monitor, resolução de tela e outras tantas variáveis que alteram as formas de recepção. O que se vê é resultado de incontáveis possibilidades de combinação entre essas variáveis e entre programas distintos, sistemas operacionais e suas respectivas formas de personalização (BEIGUELMAN, 2014 p. 14).

É importante pontuar que, embora Beiguelman (2014) não se detenha especificamente no estudo de casos da literatura digital, a discussão proposta pela autora sobre os desafios enfrentados pela museologia, nos âmbitos de arquivamento, catalogação, conservação e manutenção da net art, aproxima-se, em alguma medida, das problemáticas confrontadas no trabalho de preservação da literatura digital enfrentadas pelos repositórios, como a *Electronic Literature Organization* - ELO, por exemplo.

1 ELECTRONIC LITERATURE ORGANIZATION

Tendo em vista as complexidades acerca dos repositórios de literatura digital, circunscrevemos a *Electronic Literature Organization* - ELO⁶ como *corpus* central para as reflexões desenvolvidas no âmbito deste artigo, a partir da descrição (CANCLINI, 2016). De acordo com Arthur Dias de Souza (2018), no livro *O mundo inteiro como lugar* estranho, Néstor G. Canclini (2016) sugere que a descrição como método de pesquisa emerge uma vez que se constata a ausência de conceitos universalizantes para analisar as modificações no campo artístico na contemporaneidade. Desse modo, a partir da descrição dos objetos que estão sendo investigados, é possível compreender um pouco também o contexto de produção do repositório⁷.

Feitas as observações sobre nossa metodologia, passemos agora para a apresentação de nosso objeto de estudo: a ELO. Esta Organização foi criada em 1999 nos Estados Unidos e, desde então, já teve sua sede em diferentes universidades e institutos de pesquisa, entre eles a Universidade de Maryland, onde recebeu o apoio do *Maryland Institute for Technology in the Humanities* (MITH) e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT. Atualmente, a ELO está estabelecida na Universidade Estadual de Washington em Vancouver, seus membros advêm de diferentes países e de diferentes disciplinas de estudo. Na apresentação online, a Organização declara como sua proposição a facilitação e promoção à escrita, à publicação e à leitura de literatura em meios eletrônicos. O desenvolvimento desse objetivo é organizado em diferentes frentes de trabalho, entre elas podemos destacar:

⁶ Acessível em: www.eliterature.org.

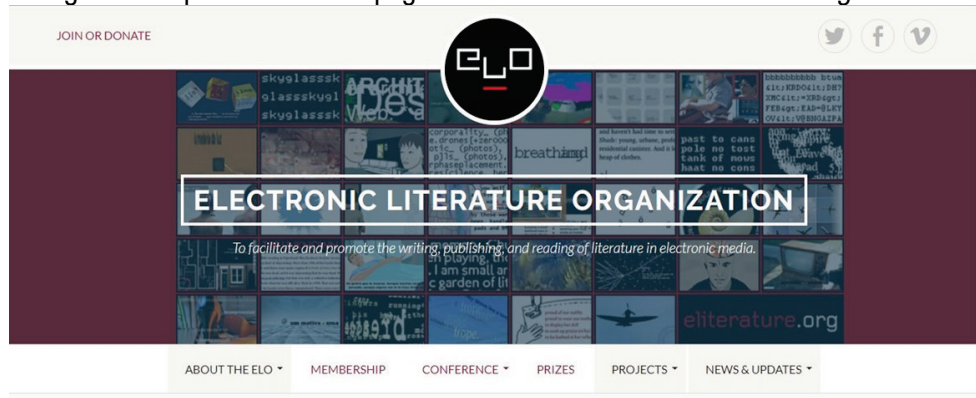
⁷ Sublinhamos que essa interpretação da descrição como metodologia de pesquisa foi baseada na leitura da dissertação de mestrado de Souza (2018).



i) *ELO Conferences*, que dizem respeito ao fomento de eventos científicos anuais cujo tema da “*e-literature*” é o centro do debate; ii) chamadas para publicação de trabalhos críticos sobre o referido tema e disponibilização desses textos; iii) *Publishing Activities*, que se trata do lançamento em série de livros teórico-críticos sobre literatura em meios digitais, em parceria com a editora *Bloomsbury* e com o *Digital Humanities Summer Institute*. iv) *Electronic Literature Archives*, um espaço organizado para abrigar, segundo a descrição feita pela ELO: arquivos sobre literatura eletrônica de modo geral, o que podem incluir: revistas online, trabalho sobre arquivos comunitários e outros

materiais digitais. v) *Electronic Literature Awards*, que se refere à uma premiação com fins de promover a literatura digital, dividida em três categorias: 1. *Work of Electronic Literature*, que premia a melhor obra de arte de literatura eletrônica; 2. *Criticism of Electronic Literature*, no qual a premiação envolve o melhor texto crítico sobre o tema e 3. *Career Achievement*, prêmio que homenageia um artista e ou crítico que, segundo a Organização, trouxe excelência ao campo da literatura eletrônica e inspirou outros a ajudarem a construir o campo. vi) *Electronic Literature Collection*: uma coleção de obras literárias digitais.

Figura 1: Captura de tela da página inicial da *Electronic Literature Organization*



Fonte: Electronic Literature Organization (2020)

Dada a profícua quantidade de materiais possíveis de serem estudados no conjunto da *Electronic Literature Organization* e levando em consideração as limitações de extensão e profundidade que o formato do artigo requer, nosso recorte de investigação se baseará na coleção de obras digitais. Esta coleção é composta por três compilações de obras, denominadas como “volumes”, escolha vocabular que nos parece significativa, uma vez que remonta à cultura de impressão de livros. Os volumes com os quais trabalharemos, a partir da descrição, são o primeiro, *Electronic Literature Collection* - ELC1, e o terceiro,

Electronic Literature Collection - ELC3, lançados, respectivamente, em 2006 e 2016.

1.1 ELECTRONIC LITERATURE COLLECTION: VOLUME 1

A primeira compilação foi lançada em 2006 e apresenta um total de 60 obras. Ao clicar nesse primeiro volume, é possível observar um painel retangular dividido entre 61 retângulos menores, com imagens das obras em miniatura: cada miniatura diz respeito a cada uma das obras, com a exceção do retângulo maior que os outros, que funciona como um monitor/letreiro apresentando o nome de cada



obra, de acordo com a movimentação do cursor do mouse.

Disposta sobre uma tela de fundo azul, a interface do primeiro volume conta com alguns hiperlinks disponíveis para a navegação do leitor/espectador/internauta⁸. O primeiro deles, intitulado *about*, traz informações de caráter referencial: no topo da página o número do ISSN do volume, junto ao nome da cidade que sediava a Organização em 2006, College Park. Além disso, a primeira informação diz respeito à equipe de editores do volume, que foi organizada por estudiosos e artistas de mídia e literatura digitais. A segunda informação detalha a equipe de design, editorial e produção, enquanto a terceira se refere aos

patrocinadores do volume 1 da *Electronic Literature Collection*.

No total são seis financiadores entre instituições e universidade. Ademais, há outras informações importantes: uma delas se refere a um aviso que sublinha que a ELO é uma organização sem fins lucrativos: este dado não está presente no terceiro volume da coleção. A outra informação diz respeito a outra forma de publicação do referido volume: em CD-ROM. Segundo o texto informativo, o conteúdo divulgado na web é o mesmo armazenado no CD-ROM e qualquer pessoa poderia solicitar um exemplar do material presencialmente nas Universidades e ou Institutos lá listados.

Figura 2: Captura de tela do volume 1 da *Electronic Literature Collection*



Fonte: Electronic Literature Organization (2006)

Acerca desse assunto, vale a pena ressaltar que, entre os especialistas do texto literário, está a autora N. Katherine Hayles, que tem se dedicado à investigação da articulação entre literatura e novos meios desde a década de 1990. Posteriormente ao lançamento do

primeiro volume da ELC, a autora publicou o livro teórico *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário* (2009), que veio compor um projeto que abarcou um universo de objetos a serem contemplados/estudados de maneira conjunta. Isto é, o livro em questão,

⁸ Em *Leitores, espectadores e internautas* (2008), Canclini redimensiona o lugar do leitor, tendo em consideração o contexto da cultura digital.



além de comentar e analisar detalhes do volume 1 da ELO, inclui a produção de um site⁹ que contém reflexões de Hayles e de outros autores sobre os novos horizontes da literatura; e viria acompanhado do já mencionado CD-ROM contendo as produções literárias disponíveis na primeira compilação de obras digitais feita pela ELO. No entanto, ocorre que, embora o livro afirme o acompanhamento do CD, na versão traduzida do livro para o português, não foi adotada a junção do CD ao livro.

Retornando à página inicial do volume 1, há um outro hiperlink importante: *All keywords*. Contando com um total de 56 termos, dispostos em ordem alfabética, a ELO define brevemente o que cada um significa e aponta as eventuais obras daquele volume que se relacionam com determinadas palavras-chave. Os vocábulos abrangem desde categorias baseadas em gêneros textuais, como poesia ou narrativa; especificação de *softwares*, como Adobe Flash Player; tipos de código de programação, como HTML; obras escritas por mulheres, etc. Ainda que a aba das palavras-chave, por si só, poderia se constituir como um objeto digno de um ensaio, uma delas nos chamou atenção, a saber, “*multilingual or non english*”, cuja definição está descrita da seguinte maneira: “*a work containing multiple languages or composed in a language other than English*”. No total são seis obras listadas dentro dessa categoria e, embora cada uma delas tenha sua página, atualmente, nem todas apresentam um funcionamento pleno.

Inclusive, não são poucas as obras que não abrem, ou que solicitam o download de

determinados arquivos que, mesmo que baixados no computador, não funcionam, em geral, por incompatibilidade de *softwares*. Nessas situações, tudo que resta ao leitor são as duas¹⁰ apresentações textuais dessas obras.

1.2 ELECTRONIC LITERATURE COLLECTION: VOLUME 3

O terceiro volume foi lançado em 2016 e apresenta no total 114 obras. Apesar de manter uma disposição, razoavelmente, semelhante à página inicial do volume 1, a ELC3 apresenta opções de links diferentes dentro do painel de imagens, tais como um dos retângulos que direciona o navegador à página inicial da Organização. Sistematizada aqui sobre um fundo agora preto, a interface de apresentação não conta mais com o monitor/letreiro em meio aos títulos dos textos que, inclusive, não apresentam mais as imagens em miniaturas das obras. Porém, o menu de hiperlinks se mantém, neste caso, com novas opções de busca. Começamos pela busca de obras por *keywords*, que permaneceu. Embora o método de busca por palavras-chave tenha se mantido, a lista de termos parece ter passado por uma revisão, uma vez que, além de apresentar uma menor quantidade de vocábulos, 30, a escolha deles demonstra ter levado em consideração o desenvolvimento das esferas teórica e tecnológica sobre as obras. A título de curiosidade, reproduzimos alguns dos vocábulos inseridos em 2016: realidade virtual, Prezi, realidade aumentada, *fanfiction*, generativo, gif, hipertexto e remix, enquanto o termo *Storyspace*¹¹, por exemplo, foi removido.

⁹ Disponível em: <http://www.newhorizons.eliterature.org/>.

¹⁰ Cada obra apresenta duas descrições, a primeira, mais geral e breve, feita pela ELO, e a segunda, escrita pelo autor do objeto, a seu modo.

¹¹ De acordo com a ELC1, *Storyspace* pode ser definido da seguinte forma: “*Storyspace is a hypertext system developed by Jay David Bolter, Michael Joyce, and John B. Smith. Since 1990, the software has been published by*

Eastgate Systems. Storyspace is a standalone hypertext system. Most fiction published in Storyspace, including classic hypertexts such as afternoon, a story by Michael Joyce, and Patchwork Girl by Shelley Jackson, is published in Storyspace reader (standalone application) versions. Storyspace also has an export to HTML feature, which some author have used for web hypertext development”.

Figura 3: Captura de tela do volume 3 da *Electronic Literature Collection*

Fonte: Electronic Literature Organization (2016)

A busca por *multilingual or non english* também foi removida das palavras-chave. No entanto, o recurso de pesquisa sobre diferentes idiomas foi, de certo modo, ampliado. Isso porque, no painel inicial da ELC3, alguns hiperlinks foram inseridos ao menu. Um deles diz respeito a *language*, que sistematiza as obras de acordo com a língua em que ela está escrita. Neste caso, somam-se treze idiomas diferentes, de 26 países. Sublinhamos que a busca por países também foi inserida na página inicial do volume 3, tal como é possível observar na Figura 3. Ademais, houve um aumento significativo de publicação de obras em *non english*: 42 no total.

Também houve algumas modificações quanto às páginas individuais de cada obra na situação de acesso dessas: além das informações presentes já no primeiro volume da Coleção, foram inseridos uma biografia de cada autor; um tópico chamado *metadata*, que explicita o seu ano de lançamento, as palavras-chave, o idioma e os detalhes técnicos, como, por exemplo, qual *software* foi usado. Outra diferença é que, neste volume, a apresentação textual da obra feita pela ELO se intitula *Editorial*

Statement, ademais de uma nova aba circunscrita para *downloads* da obra. Os *downloads* são dispostos de acordo com o tipo de arquivo, e essa subárea detalha a descrição do arquivo, por exemplo, “arquivo fonte Flash”, e os requisitos técnicos para que a obra funcione, de fato.

No entanto, mais uma vez, algumas obras não têm seu funcionamento íntegro, por conta de incompatibilidade com os requisitos técnicos, principalmente pela utilização de programas e softwares obsoletos. Nessas circunstâncias, contudo, a ELC3 oferece um vídeo de simulação da fruição da obra. A simulação se caracteriza como uma estratégia motivada pelo intuito de conservar a memória de determinada obra, mas que, segundo Beiguelman (2014), não consiste em uma metodologia efetiva de preservação. A autora baseia seu ponto de vista no fato de que a simulação, por meio de uma navegação prévia da obra, feita por uma terceira pessoa e registrada em formato de vídeo, representa um modelo ausente que faz mimetizar a falta daquele conteúdo.



Retornando ao menu principal da página inicial do volume três, constatamos que o hiperlink *about* passou por uma alteração significativa. Além de explicitar algumas informações técnicas, como número de ISSN; cidade sede do volume, Cambridge; e a relação dos editores, também composta por artistas e investigadores das mídias e literatura digitais, esse ambiente apresenta um *Editorial Statement*. Este se trata de um texto, relativamente extenso, que discute pontos elementares às escolhas de organização da ELC3. Partindo de uma introdução à reflexão sobre a articulação entre texto literário, tecnologia e digitalidade, a referida declaração editorial ensaia uma formulação acerca da “*electronic literature*”:

Electronic literature (or e-lit) occurs at the intersection between technology and textuality. Whereas writing is a five thousand year old technology and the novel has had hundreds of years to mature, we do not yet fully know what computational can do and do not yet fully understand the expressive capacities of electronic literature. If we define literature as an artistic engagement of language, then electronic literature is the artistic engagement of digital media and language. Such works represent an opportunity to consider both the nature of text as a form of digital media-as a grammatization or digitization of otherwise unbroken linguistic gestures-as well as the algorithmic, procedural, generative, recombinatorial, and computational possibilities of language. The history of e-lit includes projects that may not be labeled by their authors as part of this literary tradition and, in fact, some of the most compelling engagements are found in animation, videogames, social media, mobile applications, and other projects emerging from diverse cultural contexts and technical platforms.

No decorrer da formulação sobre *e-lit*, o texto indica que o reconhecimento de uma expressão artística como literatura digital é uma

atividade complexa, entre outras razões, porque a literatura pode acontecer em lugares e meios não delimitados, tradicionalmente, apropriados para ela, como é o caso dos videogames, redes sociais, aplicativos de celulares e outras plataformas. Isso demonstra que, na esteira da *editorial statement*, a literatura digital “não opera como uma categoria ontológica fixa”. Diante dessa concepção proposta, o editorial confirma que o trabalho de preservação desses materiais pode ser um desafio, quando se considera a efemeridade com que determinadas mídias digitais caem em desuso, inviabilizando o acesso às obras. Por essa razão, justifica-se a escolha de manter a descrição textual das expressões literárias e de empreender uma documentação por meio da navegação simulada - estratégia paliativa e provisória (BEIGUELMAN, 2014) de conservação.

Também merece destaque a referência feita, na declaração editorial, sobre a inserção expressiva de obras de outros idiomas e de outras nacionalidades. Aproximando-se de um caráter de manifesto, o texto sublinha a intenção do volume 3 de estabelecer diálogo com comunidades internacionais.

Since the second volume was published, the rise of social media and increased communication between international communities has brought attention to authors and traditions not previously represented, while authors outside traditional academic and literary institutions are using new accessible platforms (such as Twitter and Twine) to reach broad audiences with experimental forms of both human and nonhuman interaction.

The ELC3 is a mirror of a specific moment in time occurring across continents, languages, and platforms during the second decade of the twenty-first century. This collection parallels the works collected, operating in symbiotic relation with programs and processes, images and texts, readers and writers-and you.



A partir da leitura do trecho acima e da observação do movimento crescente, entre 2006 e 2016, de inserção de obras, oriundos de outros países e em outras línguas, que não só a inglesa, podemos remontar esse movimento a um potencial processo de democratização do espaço linguístico. Esta expressão é proveniente dos estudos feitos pela pesquisadora Manaíra Aires Atháide (2018), que reflete sobre a crescente progressão de obras literárias, em *non-english*, na *Electronic Literature Collection*. A partir da leitura dos trabalhos de Athayde (2018), atentamo-nos para o fato de que, na ELC1, ao delimitar como sistema de busca a palavra-chave “*multilingual or non english*”, subentende-se que o padrão de idioma de publicação é a língua inglesa, de modo que os outros idiomas que não sejam o inglês são destoantes da norma. Além disso, cumpre ressaltar que, no primeiro volume, a nacionalidade dos autores não era especificada. Já na ELC3, em comparação, houve uma maior atenção à explicitação das nacionalidades e dos diferentes idiomas, por meio da reorganização dos menus. O aumento significativo dessas obras foi mencionado da declaração editorial, num aparente esforço de elucidar, ainda que de maneira um tanto ampla, alguns dos propósitos do volume.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautando nosso trabalho em uma perspectiva metodológica que tem como cerne a descrição do objeto de pesquisa, lançamos um olhar retrospectivo a este texto, na tentativa de esboçar algumas considerações sobre o que já foi dito. A experiência de descrever o conteúdo selecionado da *Electronic Literature Organization* nos fez sopesar alguns âmbitos do trabalho. Em primeiro lugar, a observação da ELC nos fez ponderar, mais uma vez, sobre a definição, em construção, de repositórios de literatura digital. Essa reflexão nos remete, primeiramente, à concepção mais geral sobre arquivo, que segundo Ana Pato (2012, p. 41):

[...] Torna-se, cada vez menos, o conjunto dos discursos produzidos por uma cultura, e o jogo das leis que fundamenta a preservação ou desaparecimento dos enunciados, para assumir a forma de um *diagrama*, o mapa – ou os mapas sobrepostos – das relações de poder que regem essa cultura. Entende-se arquivo então, como o conjunto de vestígios de uma cultura, a serem analisados no presente, pelo olhar desmistificador do “arquivista”.

Previamente a nos dedicarmos ao estudo do conjunto de vestígio por nós selecionados, entendemos que o arquivo atua também como uma esfera abrangente que pode acolher em seu interior diferentes práticas e protocolos de funcionamento. Os repositórios seriam, então, uma modalidade de prática específica, que desempenha as tarefas de selecionar conteúdos, abrigar e disponibilizá-los, preservando-os tanto quanto seja possível, de potenciais apagamentos ou, nos termos de Beiguelman (2014): da iminência da desaparecimento. Portanto, se os repositórios de literatura digital podem ser lidos, de modo geral, como um tipo possível de arquivo, todavia, para serem entendidos em sua singularidade, é necessário descrever quais especificidades os caracterizam.

Nesse contexto, consideramos apropriado demarcar que as descrições da ELO, bem como suas capturas de telas aqui apresentadas, foram feitas durante a escrita deste artigo. Após a conclusão do texto, contudo, ao retornarmos ao site da *Electronic Literature Organization*, identificamos algumas mudanças. A mais significativa delas se trata da inserção de uma nova aba, intitulada “*Teaching e-literature*” no menu principal, retratado na Figura 1. Para nós, essas alterações, ao contrário de serem entendidas como um problema, constituem-se como parte da estrutura da web 2.0 (JENKINS; GREEN; FORD, 2014). Ademais, compreendemos que, se a efemeridade e a não-fixidez integram o funcionamento da internet,



elas podem ser vistas também como uma particularidade própria dos repositórios. Dessa maneira, tais acontecimentos ratificam a premência do debate sobre a memória em relação aos meios digitais, ao mesmo tempo que corroboram com a pertinência de se descrever e de capturar imagens como uma estratégia possível de estudo, visto que o repositório provavelmente não permanecerá exatamente idêntico, em termos de itens, interface e, talvez, até mesmo, em relação ao seu entendimento sobre literatura, durante muito tempo.

Com base na observação do *Electronic Literature Organization*, podemos inferir que o elemento fundamental a esse tipo de repositório se refere à circunscrição do interesse e à, conseqüente, mobilização da literatura digital. Para além disso, outras práticas que demonstram ser características desses ambientes se associam às atividades de: reunir obras digitais dispersas na rede; aplicar e ou desenvolver técnicas de preservação e conservação das manifestações literárias¹² e disponibilizá-las para o acesso dos leitores.

Outro ponto que parece ser uma constante, visto que pudemos verificar não só na ELO, mas em outros dois repositórios, trata-se da atuação em diferentes frentes de trabalho¹³. No caso da ELO, em específico, é possível observar que ela opera nos âmbitos de construção de arcabouço teórico-crítico sobre “e-literature”, por meio da organização de eventos voltados à comunidade científica; associação com universidades e institutos acadêmicos, premiações das obras literárias e críticas; publicização das atividades por meio de eventos, publicações e parcerias com repositórios de outros países. Essas atividades citadas nos direcionam ao

Consortium on Electronic Literature – CELL Project, um consórcio gerenciado pela ELO que tem como proposta o desenvolvimento de uma colaboração entre organizações, universidades, laboratórios de pesquisa e ou editoras que discutam o tema da literatura digital, com o intuito de compartilhar estudos sobre o assunto.

Atualmente, o Consórcio conta com 11 repositórios membros. De acordo com a descrição feita no site oficial¹⁴, o CELL atua, baseado em padrões acadêmicos, como um recurso que estimula a livre troca de conhecimento, de modo que os seus integrantes podem acessar, identificar obras digitais e escrever sobre essas obras, conforme elas são criadas e disponibilizadas em bancos de dados. Para isso, o CELL propõe uma taxonomia-base comum para o estudo da literatura digital.

Frente a essas observações, podemos tirar algumas conclusões iniciais. A primeira delas nos remonta ao projeto de estabelecimento de diálogo com comunidades internacionais. Citada no *Editorial Statement*, a proposta de aumentar a quantidade de idiomas diferentes e de autores de países que não sejam os Estados Unidos se projeta como um ponto fundamental para assimilarmos um pouco das escolhas editoriais da *Electronic Literature Organization*. Tanto a dita chamada aberta feita para a ELC3 e a abertura do *CELL Project* para a associação de novos membros confirmam o aparente interesse em expandir a comunidade vinculada à ELO.

Ao mesmo tempo, por tratar-se de um arquivo, compreendemos que as escolhas editoriais, econômicas e políticas delineiam uma narrativa sobre o próprio repositório, que, nesta

¹² A navegação simulada das obras se caracteriza como um exemplo de estratégia utilizada na ELO.

¹³ É importante pontuar que, em nossos trabalhos de pesquisa de doutorado, pudemos analisar que, além da ELO, outros repositórios também atuam em vários âmbitos. A título de exemplo, podemos dizer que isso se

confirma no Repositório de Literatura Digital Brasileira (Universidade Federal de São Carlos) e no Ciberia Project (Universidad Complutense de Madrid).

¹⁴ Disponível em: <http://cellproject.net/>. Acesso em: 15 ago. 2020.



situação, remetem a um enunciado de democratização dos espaços de circulação que trabalham com a memória da literatura digital. Assim sendo, consideramos que a narrativa que se cria sobre o repositório, pode ser, ela mesma, uma instância de legitimação e ou institucionalização (EVEN-ZOHAR, 2013) desse repositório.

Essa narrativa recai sobre o domínio da memória, mas, nesta situação, não se trata da memória das obras, de modo individual, mas da memória que se constrói sobre o próprio repositório. Em outras palavras, se a curadoria feita no repositório trata, em primeira instância, da memória das obras digitais, a partir de uma perspectiva mais ampla, ela trata da memória do próprio repositório, que por sua vez, engendra a memória do sistema da literatura digital. Por essa razão, o trabalho de autogestão da *Electronic Literature Organization* é fundamental. E, pelo que temos observado, a ELO tem se dedicado cuidadosamente à tarefa da autogestão, estabelecendo, ela mesma, um repertório (EVEN-ZOHAR, 2013) e normas específicas a esse sistema emergente, ao selecionar as obras que são expostas e preservadas; ao apontar quais obras literárias e teórico-críticas são dignas de premiação; e ao determinar, por meio do *CELL Project*, o vocabulário crítico especializado à literatura digital que seus membros devem mobilizar.

Diante de todo o exposto até aqui, retomamos o alerta de Beiguelman (2014) que, a respeito dos processos de arquivo e conservação/preservação da memória cultural, afirma a urgência de desenvolvimento de estratégias de práticas em contínua atualização, sem desconsiderar, no entanto, que, nos dias de hoje, a memória é também um serviço e uma demanda econômica, regida por interesses determinados numa dada conjuntura sócio histórica.

[Os modelos de catalogação e recuperação de dados] respondem a formas de poder e a

instâncias políticas, sociais e culturais que definem os critérios de conservação, as formas de institucionalizar os lugares da memória e o que fica ou não para ser contado como história (BEIGUELMAN, 2014, p. 22).

Por esse motivo, sublinhamos que ao nos depararmos com as mobilizações feitas pela *Electronic Literature Organization*, é fundamental observá-las a partir uma leitura localizada (KOZAK, 2017). Isto é, sem desconsiderar suas especificidades geográfica, econômica, técnica e epistemológica, por exemplo. Nesse sentido, consideramos que uma leitura atenta a tais particularidades pode possibilitar uma compreensão ampla sobre as diferentes esferas que constituem a complexidade dos movimentos contínuos da ELO dentro do sistema literário.

REFERÊNCIAS

ATLAS da literatura digital brasileira. Disponível em: www.atlasdigital.ufscar.br. Acesso em: 15 ago. 2020.

ATHAYDE, Manáira Aires. **Electronic Literature Collection e a democratização do espaço linguístico**. Apresentação feita em Unesco International Mother Language Day. Santa Bárbara, Estados Unidos, 2018.

BEIGUELMAN, Giselle. “Reinventar a memória é preciso”. In: BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org). **Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais**. 1. ed. São Paulo: Petrópolis: Edusp, 2014. p. 12-33.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**, Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **O mundo inteiro como lugar estranho**. Trad. Larissa Fostinone Locoselli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.



CELL Project. **Consortium on Electronic Literature**. Disponível em:

<http://cellproject.net/>. Acessado em: 15 ago. 2020.

CIBERIA Project. Disponível em:

www.ciberiaproject.com. Acesso em: 15 ago. 2020.

ELECTRONIC Literature Organization.

Disponível em: www.eliterature.org. Acesso em: 17 ago. 2020.

ESTEVÃO, Natália Cristina. **Escritas em movimento**: o entrecruzamento de meios nos textos de Ismael Caneppele. 2017. 108 p. (Dissertação). Mestrado em Estudos em Literatura. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2017.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O sistema literário.

Revista Traslatio. Trad. Luis Fernando Marozo e Yanna Karlla Cunha. n. 5, 2013. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/42900>. Acesso em: 17 ago. 2020

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação.

Org. Rafael Cardoso; Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GAINZA, Carolina. Literatura chilena en digital: mapas, estéticas y conceptualizaciones.

Revista chilena de literatura. n. 94, 2016, p. 233-256. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22952016000300012>. Acesso em: 17 ago. 2020.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura Eletrônica**:

novos horizontes para o literário. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam.

Cultura da conexão: criando valor e significado

por meio da mídia propagável. Trad. Patricia Arnaud São Paulo: Editora Aleph, 2014.

KOZAK, Claudia. Esos raros poemas nuevos.

Teoría y crítica de la poesía digital latinoamericana. **El jardín de los poetas**: Revista de teoría y crítica de poesía latinoamericana. Año III, n° 4, primeiro semestre de 2017, p. 1-20.

Disponível em:

<https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/eljardindelospoetas/article/view/3494/3436>. Acesso em: 17 ago. 2020.

NUNBERG, Geoffrey. The places of books in the age of electronic reproduction.

Representations, n 42. University of California, 2003, p. 13-37. Disponível em: Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2928616>. Acesso em 17 ago. 2020.

PATO, Ana. **Literatura Expandida**: arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foerster. São Paulo: Edições Sesc/SP, 2012.

SOUZA, Arthur Dias. **Lourenço Mutarelli, a**

imagem e a palavra: concepções pós-autônomas sobre quadrinhos e literatura.

2018. 126 p. (Dissertação). Mestrado em Estudos em Literatura. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Gerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

ESTEVÃO, N. C. Eletronic Literature Organization: Reflexões sobre a construção da memória da literatura digital. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 94-107, 2020.